

»

## Os ruídos intermináveis da festa: Capital mito-simbólico e designação de gênero

A festa era um chá de revelação do sexo do bebê. Como vinheta de um revelador fenômeno contemporâneo, descrevo o momento em que sou tragado por um vídeo no Instagram em que aspectos da vida erótica de diferentes gerações de uma família são expostos, em grande medida inconscientemente, na internet.

Provavelmente, em breve, o vídeo também seria tragado pelo volume de informações da rede, e a sociedade do espetáculo já não se importaria com as imagens e os registros efêmeros do momento exato em que diante de pai, mãe, avós maternos e paternos, do irmão e da futura madrinha, o balão estoura e uma chuva de confetes azuis se espalha sobre todos, todas, todxs, causando uma pequena comoção familiar ao anunciar o sexo da criança que, em alguns meses, nasceria. Azul: é um menino!

### O vídeo

O olhar do analista, para além da curiosidade burlesca, observa detalhes da cena.

Vestido de camisa azul marinho e calça azul claro, ao perceber que a chuva de confetes indica a chegada de um menino, o jovem pai pula freneticamente dependurado sobre o pescoço da esposa, urra de maneira alucinada e faz lembrar movimentos de torcida organizada no exato momento do gol. Faz movimentos vibráteis com o braço flexionado puxando o cotovelo em direção à barriga, esbravejando repetidamente a expressão “ahaaa, uhuuu”. Comemora, em aparente transe, ao lado da mulher que chora.

A explicação para o choro da mãe parece óbvia. É natural que ela chore ao descobrir que será, mais uma vez, “mãe de menino”; fato previsível num evento milimetricamente programado para desencadear emoções fortes e reações apaixonadas.

No canto inferior do vídeo, o irmão cinco anos mais velho – indiferente à notícia do sexo do irmãozinho – ataca a mesa de doces devorando iguarias feitas com confeitos azuis ou cor-de-rosa.

Por fim, enquanto o avô paterno, lacrimejante, abraça e comemora com o jovem pai, seu filho, a chegada de mais um varão, a avó paterna com esfuziante blusa cor-de-rosa choque parece notar a perplexidade disfarçada no rosto da mãe, sua nora, em uma espécie de es-

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.



↑

*Intervalos  
(mientras  
respiro)*  
2004  
Oscar  
Muñoz

tupor catatônico. Caminha até ela e diante do semblante enigmático, indaga-a: “Está tudo bem, querida”? O psicanalista não ouve a resposta interrompida pelo corte do vídeo.

### Problematizando o gênero com Jean Laplanche

O debate sobre gênero é complexo e percorre diferentes campos de saber.

Indubitavelmente, os aportes dos estudos feministas e da teoria *queer* re-situam as teorias psicanalíticas e também as hipóteses neurobiológicas sobre o tema.

Laplanche (2003/2015) indagou se “introduzir o gênero em psicanálise seria estabelecer um pacto com aqueles que querem arrefecer a descoberta freudiana? Ou seria, paradoxalmente, um meio de reafirmar, ao contrário, o inimigo íntimo do gênero, o Sexual”? (p. 162). O Sexual com “S” maiúsculo é referido como múltiplo e polimorfo:

Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise. [...] O Sexual, para Freud, é, pois, exterior ou mesmo anterior à diferença dos sexos, para não dizer à diferença dos gêneros: ele é oral, anal, paragenital. (pp. 155-157)

Alonso (2016) percorre o caminho reflexivo de Laplanche e conclui que “é para incluir sim o conceito de gênero na psicanálise, porém com duas condições: recuperando a sexualidade e problematizando o conceito” (p. 83). Com este intuito, retoma-se aqui o nascimento da expressão *gênero*, em meados dos anos 1950, no contexto da sexologia do psicopediatra

John Money, sua apropriação posterior por Robert Stoller e as consequências – ou confusões – que o debate enfrenta desde aquele momento.

Person e Ovesey (1983) revisam o surgimento do conceito, partindo da primeira proposição de Money e da curiosa revisão feita por ele, anos depois, ao se dar conta da idealização que ela continha. Referiu-se à sua primeira conceituação como “minha torre de marfim ideal” (Money, 1955, citado em Person e Ovesey, 1983, p. 205), em que, para diferenciar sexo e gênero, cria a noção de “papel de gênero” (*gender role*) como:

Tudo aquilo que alguém diz ou faz com intuito de revelar e afirmar sua condição de menino ou menina, homem ou mulher. Isto incluirá a sexualidade, no sentido do erotismo, mas não se restringirá a ela. O papel de gênero poderá ser apreendido na observação: dos gestos e modos em geral (*general mannerisms*), do jeito de andar e se mover (*deportment*) e de se comportar frente aos olhares dos outros (*demeanor*), dos comentários casuais proferidos ou do tipo de assunto escolhido espontaneamente; do conteúdo de sonhos, devaneios e fantasias; das respostas à perguntas indiretas ou testes projetivos; da evidência de práticas eróticas específicas, e, finalmente, da resposta do indivíduo à indagação direta. (p. 205; grifo meu)

Na leitura de Person e Ovesey, tal conceituação pretendia desfazer confusões entre “o sexo da genitália, incluindo sua atividade erótica, e os papéis e atitudes sexuais – não eróticos e não genitais – prescritos culturalmente e historicamente” (p. 205; grifo meu).

Aqui nos interessa exatamente retomar o que seriam (e que sentidos guardariam) tais “papéis e atitudes”. E o fazemos para evidenciar como construções culturais circunstanciadas são, muitas vezes, importadas para as teorias psicanalíticas, instaladas em seu cerne e assimiladas acriticamente como categorias universais, processo que ocorre também em outros campos, como o direito, a pedagogia e a medicina (lembramos da psicopediatria de John Money, encarregada das problemáticas diretrizes de definição dos sexos nos bebês intersexuais)<sup>1</sup>.

A requisição de uma ontologia do gênero (ou do sexo), consciente ou inconsciente, explícita ou dissimulada, escamotearia a fragilidade de construções teóricas alicerçadas sobre conceitos que são por si mesmos imprecisos, como as noções de masculino e feminino e a decorrente noção de gênero, quando este é entendido como polaridade, em um registro binário, naturalizado e conflitivo, como proposto por Money no exemplo acima<sup>2</sup>.

## Gênero: conflitivo ou conflitivo? Plural ou dual?

Para Laplanche (2003/2015), “o termo capital para definir o gênero [...] é designação. Designação sublinha o primado do outro no processo” (p. 166). A retomada da teoria da sedução generalizada – “o primado do outro” – como motor da designação de gênero (e, talvez,

1. Para maiores informações sobre o tema, ver: Preciado (2014); Kessler (1998/2002).

2. Numa perspectiva biopolítica, Preciado (2004/2014) instabiliza as ontologias de sexo e gênero, contrapondo as tentativas de naturalização ao afirmar que: “Os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro. [...] O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstaurar por meio de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais” (p. 26). No âmbito da psicanálise, Freud (1905/2016) deixou importantes contribuições no sentido da desnaturalização da sexualidade. Possivelmente a mais inequívoca seja a diferenciação entre a pulsão sexual e o instinto animal, estabelecida em sua clássica proposição de que a ligação entre a pulsão e o objeto sexual seria muito menos estreita do que supõe o senso comum. Propõe que entre instinto sexual e objeto sexual há apenas “uma soldagem, que arriscamos não enxergar devido à uniformidade da configuração normal, em que o instinto parece já trazer consigo o objeto. [...] É provável que o instinto sexual seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste” (p. 38). Avança ainda ao discutir o caráter não naturalizado do desejo sexual, em suas direções homo ou heterossexual: “na concepção da psicanálise, também o interesse exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si” (p. 20). Por último, também as imprecisões conceituais relacionadas aos termos “masculino” e “feminino” são apontadas por Freud. Dirá que “estão entre os mais confusos da ciência [...] ora no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico e também no sociológico” (p. 139), e que “no caso do ser humano, nem no sentido psicológico nem no biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade. Cada pessoa apresenta, isto sim uma mescla [...]” (p. 139). Acrescentará, em 1925, que “todos os indivíduos, graças à disposição bissexual e à herança genética cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos, de modo que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto” (Freud, 1925/2011, p. 298).

da construção do sexo) nos parece essencial à psicanálise, tanto por incluir o inconsciente nestes processos, quanto por estabelecer uma ponte entre o gênero, uma categoria social e a teoria sexual. “Posicionar o conceito de gênero na teoria sexual supõe ter previamente uma teoria psicanalítica sobre a “apropriação” ou “metabolização” que a criança realiza do que vem de fora” (Dejours, 6 de setembro de 2006, par. 8).

Na concepção de Laplanche, esta “designação que vem do outro” é determinada pelo “círculo restrito do *socius* – por meio de agentes como pais, mães, professores, médicos – e não a sociedade como um todo” (Alonso, 2016, p. 87). Por meio deles, as definições de macho e fêmea, homem e mulher, masculino e feminino, seriam transmitidas a toda nova criança, em uma rede de mensagens conscientes e pré-conscientes. Seria também por meio deste círculo próximo que a criança teria o seu próprio gênero primeiramente designado pela nomeação (Você é João, um menino! Você é Maria, uma menina!). Ambas as mensagens – o que significa ser homem ou mulher e qual sexo/gênero é atribuído à criança – seriam partes de um código que, supostamente, indicaria ao sujeito como alcançar uma posição sexual definida na sociedade e na cultura.

Mas Laplanche (2003/2015) avança e acrescenta que a estas comunicações conscientes e pré-conscientes, iriam se sobrepor uma série de outras mensagens, ou mesmo, “um bombardeio de mensagens” (p. 167), que tornariam a comunicação, que se pretendia objetiva e clara, enigmática e carente de uma tradução<sup>3</sup>.

É em decorrência desta tensão que Dejours (6 de setembro de 2006) credita ao gênero proposto por Laplanche o *status* de uma categoria psíquica, “o gênero da criança, e não da sociedade” (par. 7). Gênero como resultado do “trabalho psíquico específico e ativo que a criança lança em resposta a uma mensagem ou série de mensagens. Trabalho psíquico que, vindo da categoria da tradução, nos afasta da internalização tão apreciada pelos sociólogos” (par. 9).

Diferentemente de Stoller que postulou um “núcleo de identidade de gênero” conflitivo, fruto de uma convicção biológica precoce que levaria a criança a se autodefinir como homem/mulher antes de se definir como masculino/feminino (Cossi, 2018) e que propôs uma designação de gênero centrada no “nome”, Laplanche (2003/2015) teoriza um processo conflitivo atravessado pelo inconsciente e estabelecido em diferentes vias:

Na teoria da sedução generalizada [...] eu insisti essencialmente no código do apego, no modo como ele é veiculado pelos cuidados corporais. [...] Hoje tento dar um segundo passo, [...] há também o código social, a língua social, [...] também portadora de muitos “ruídos”, todos aqueles trazidos pelos adultos próximos – pais, avós, irmãos –, suas fantasias, suas expectativas inconscientes ou pré-conscientes. Um pai pode designar conscientemente o gênero masculino ao filho, mas pode ter esperado uma filha ou mesmo desejar inconscientemente penetrar a filha. É, afinal, muito mal explorado esse campo da relação inconsciente dos pais com seus filhos. (pp. 168-169)

Dejours acrescenta ainda que “quando adultos atribuem um gênero a uma criança, eles mesmos não sabem exatamente o que entendem por macho ou fêmea, masculino ou feminino, homem ou mulher” (Dejours citado em Alonso, 2016, p. 87).

Inseridas nas mensagens enviadas à criança estão também todas as dúvidas, ambiguidades, incertezas e os resíduos dos conflitos internos dos adultos. “É fácil significar a uma criança que ele é um homem. Mas, o que quer dizer ser um homem para o adulto que pronuncia esta designação?” (Dejours citado em Alonso, 2016, p. 87; grifo meu).

Por meio do pensamento de Dejours, uma questão maior é endereçada à teorização psicanalítica: o que quer dizer ser homem ou mulher, masculino ou feminino para o psicanalista que se utiliza desta conceituação?

3. “Eu nunca disse – penso nunca ter dito – que há mensagens inconscientes dos pais. Ao contrário, acredito que existem mensagens pré-conscientes-conscientes (PCs-Cs) e que o inconsciente parental é como o “ruído” – no sentido da teoria da comunicação – que vem interferir e comprometer a mensagem pré-consciente-consciente” (Laplanche, 2003/2015, p. 168).

Que tipo de adesão é feita ao se admitir a lógica binária como suficiente para se pensar as inúmeras manifestações do erotismo humano? Ou, em outras palavras, para organizar as expressões do Sexual em duas categorias definidas e pretensamente bem constituídas?

Independentemente da resposta a estas questões apoiarem-se em proposições psicanalíticas clássicas, como as duplas *ativo/passivo*, *fálico/castrado*, *masculino/feminino*, ou de recorrer às teorizações posteriores que propõem desdobramentos no psiquismo da sexualidade infantil, não haveria, em última instância, o recalçamento teórico da proposição freudiana mais radical – o potencial perverso polimorfo da sexualidade humana – reapresentada por Laplanche como o Sexual, em nome de uma aliança com os “papéis e atitudes” postulados por Money, em 1955?

Em nome de quê, a teoria psicanalítica deveria prescindir de sua proposição – ou descoberta fundamental – para postular uma organização do erotismo humano em categorias binárias pretensamente universais? Teríamos matrizes clínicas suficientes para justificar a requisição de uma organização psíquica necessariamente assentada em caminhos universais, associados a desenvolvimentos fixos e previsíveis do que entendemos como fase fálica, complexo de Édipo e complexo de castração? Com que estrato da cultura e do poder estaria a psicanálise pactuando, e em nome do quê?

Em síntese, se considerarmos os diferentes atores envolvidos na designação de gênero, a espessa teia conflitiva e fantasmática inerente a cada um deles, e o longo e singular caminho da criança na metabolização e simbolização das mensagens enigmáticas enviadas a ela, não teríamos que ampliar nossa escuta clínica em direção a possibilidades menos enrijecidas ou *normalizadas* das expressões humanas do Sexual?

Não seria isso o que os novos desenvolvimentos das lutas sociais pela diversidade sexual, assim como as produções acadêmicas vultuosas da teoria *queer* têm comunicado?

## Escolas preocupadas, famílias zelosas e médicos misteriosos: Dolorosos *après coup*

Retomo brevemente alguns recortes clínicos e o trecho de um ensaio de Paul B. Preciado (2020), para o jornal francês *Libération*, como ilustração dos desafios do caminho tradutivo e simbolizante percorrido por indivíduos que não se adequam aos padrões binários de sexo e gênero.

Nos recortes, refiro-me a situações corriqueiras, envolvendo as preocupações da escola e da família com relação às expressões eróticas infantis, e das consequentes tentativas de abordagem terapêutica da questão.

No primeiro deles, foi por recomendação da escola – preocupada com a preferência do menino por “ficar sempre com as meninas” – que os pais de Adriano o levaram à consulta com um psicólogo. “Para mim era um *médico misterioso*” – diz o paciente, agora adulto. (Leite, 8 de agosto 2020, p. 14).

Após anos de análise, Adriano descreve com precisão o momento de sua infância em que diferentes experiências eróticas precipitaram-se em torno de um saber. Foi quando aguardava na sala de espera do psicólogo, e viu sair de lá outra criança de sua escola. “Era o garoto que sofria *bullying* no colégio porque beijava outros meninos. Era a outra criança-veada da escola! Naquela hora entendi tudo, por que eu estava ali” (p.14).

O *bullying* violento sofrido pelo colega é projetado sobre ele, que passa a perceber melhor o *bullying* mais sutil que também recebia dos colegas e que, agora – de certa maneira –, partia da *preocupação* da escola e do *zelo* de seus pais.

O atendimento psicológico na infância é lembrado pelo paciente como acolhedor e produtivo. Conteve as angústias do menino, vividas de maneira solitária e com grande ansiedade. Na rede associativa despertada pelo encontro na sala de espera, Adriano evoca o homoerotismo precoce e vigoroso e a ansiedade despertada “por saber que era errado o que ele sentia”. Havia ainda o fascínio e a identificação pelo universo feminino da mãe, que fora

se transformando de algo natural e espontâneo em um problema. “Sempre gostei de estar com ela, a mais interessante, mais bonita. Muito da minha personalidade tem a ver com ela: a estética, os interesses, a maneira como ela se relaciona com as pessoas” (p. 12).

É evidente a dificuldade inerente ao processo de escuta da criança. Por um lado, a importância de que as questões relacionadas à metabolização do seu erotismo, no que continha de enigmático e ansiogênico, fossem consideradas. Por outro, a problematização dos comportamentos e atitudes do paciente, entendidas à época pelo *socius* como “não adequadas para um menino”, em alguns momentos validadas pelo psicólogo, parecem instaurar ou, pelo menos reforçar, as noções de problema, patologia (*médico misterioso*) e injúria (*criança-veada*) no psiquismo do paciente.

Percebo no jogo transferência/contratransferência da análise de Adriano algo que me faz lembrar das proposições freudianas sobre o surgimento da introspecção na criança, ao confrontar as teorias sexuais infantis e a explicação dos adultos (Freud, 1908/2015, pp. 391-411).

Desconfiado, mas muito atento e sagaz, Adriano parece rastrear os movimentos do analista: prioridades de escuta, interpretações, atitudes. Checa se há espaço para elaborar algo visceral, íntimo, em parte consciente, em parte não.

Por sua vez, o analista tenta discriminar o que seria de fato essencial para travessia analítica de Adriano, e que por isso não poderia deixar de ser considerado no processo analítico, do que seria uma imposição normativa, possivelmente injuriosa, sobre os caminhos percorridos pelo Sexual. O analista está atento para não repetir aquilo que Laplanche nos alerta ao teorizar sobre “os ruídos do inconsciente parental na constituição erótica do sujeito – a análise como “retraumatizadora”, “alienadora” da verdade íntima, cúmplice da verdade natural dos sexos” (Leite, 8 de agosto de 2020, p. 28).

No segundo recorte aqui retomado, a “verdade natural dos sexos” foi também perseguida pela família de Brutus, outro paciente para quem a análise é um espaço de tradução e simbolização de experiências enigmáticas.

Curiosamente, a vida infantil de Brutus também tivera um *médico misterioso*, o enigmático Dr. X, em que fora levado por sua mãe para um “tratamento esquisito”. “Eu me lembro como se fosse hoje. Tinha no máximo 7, 8 anos [...]. Aquela injeção enorme. Tudo me parecia tão grande. Era uma injeção de testosterona” (p. 21).

Desta época, outras recordações. Assim como acontecera com Adriano, memórias e registros de angústia e sofrimento psíquico associados às primeiras identificações e aos enigmas sobre homem/mulher, masculino/feminino e toda a mescla intermediária ou apartada de tais polarizações que podemos supor. A postura preocupada da família o intrigava, por não entender o que havia de errado com ele: “Eu me lembro que havia em casa uma conversa entre meus pais” (p. 21). Na contratransferência, a percepção e tentativa de elaboração de momentos de irritação do analista permitia identificar aspectos de um “masculino falseado”, como um reflexo do que Brutus “tentava ser” para possivelmente satisfazer demandas enigmáticas de outrem.

O desvelamento de fantasias em ambas as análises recai, de maneira parecida, em regimes conflitivos acompanhados de muita dor, em que a direção da energia libidinal parece encontrar recorrentemente reprovação. Se seguimos Laplanche, vivências homoeróticas ou identificações com papéis de gênero implantados pelo “ruído do inconsciente” deste *socius*, seriam conflitivamente confrontadas por ele mesmo, ao longo de manifestações de desaprovação ou preocupação – pais, escolas e médicos preocupados – exigindo da criança a elaboração da tensão existente.

Frases como “desde muito cedo eu sabia que o algo errado tinha a ver com minha sexualidade” ou “eu não entendia porque eu não podia ser a “filha” da minha mãe” abrem uma trilha para elaboração de angústias relacionadas às expressões do Sexual na vida adulta.

O filósofo Paul B. Preciado (2020) reconstrói no artigo *Quem defende a criança queer?* algo semelhante, vivido por ele em sua infância:

Lembro-me do dia em que madre Pilar nos pediu, em meu colégio de freiras, que desenhássemos nossa família no futuro. Eu tinha sete anos. Desenhei-me casada com minha melhor amiga, Marta, com três filhos e vários cães e gatos. Tinha desenhado minha própria utopia sexual, na qual reinavam o amor livre, a procriação coletivizada, e na qual os animais gozavam do estatuto político humano.

Poucos dias depois, o colégio enviou uma carta para minha casa aconselhando meus pais a me levarem a um psiquiatra para cortar o quanto antes um problema de identificação sexual. A visita ao psiquiatra veio acompanhada de fortes represálias. O desprezo do meu pai, a vergonha e culpa de minha mãe. Espalhou-se no colégio a ideia de que eu era lésbica [...] “sapatona nojenta”, diziam [...] Tive pai e mãe, e, no entanto, eles não foram capazes de me proteger da repressão, da humilhação, da exclusão, da violência. (pp. 71-72)

Relatos como o de Preciado não são raros na clínica de pessoas que não se identificam como cisgêneros ou heterossexuais. A metabolização das mensagens enigmáticas, conforme proposto por Dejours, não se restringe à infância. Dolorosos *après coup* instalam-se a cada vez que o preconceito e a violência homofóbica ou transfóbica relançam as questões conflitivas, ou mesmo, em outras situações psíquicas, como por exemplo, a relatada por Julio, paciente que, aos 45 anos, retoma um longo processo de análise anteriormente interrompido. Apesar de uma vida prévia de grande liberdade erótica e um casamento satisfatório com outro homem, o paciente é tomado, após um episódio de insulto virtual, por angústias violentas acerca do próprio homoerotismo, vivido agora de maneira persecutória, como se pudesse ser alvejado a qualquer momento por ataques e acusações. O entrelaçamento do pulsional com a reação hostil do entorno encontra-se no núcleo deste doloroso *après coup* de experiências infantis traumáticas.

Preciado (2020), ainda no artigo sobre a “criança *queer*”, lança luz na maneira como o erotismo infantil é manipulado para manter o *status quo* do que chama “a nação heterossexual” (p. 71). Por meio das noções foucaultianas de biopolítica e norma, revela o “dispositivo pedagógico insidioso” (p. 71) que transforma a criança no “lugar de projeção de todos os fantasmas, o alibi que permite que o adulto naturalize a norma” (p. 71).

A ideia de uma “criança *queer*” tem o efeito provocador de colocar em questão a ideia oposta, da existência de uma “criança heterossexual” a ser protegida pelo Estado e pela família. Afinal, faria sentido enquadrar crianças em categorias eróticas rígidas e definitivas?

Assim, como pensar a possibilidade de uma escuta analítica de crianças e adolescentes que não sustentasse insidiosamente um regime sexual binário, avesso ao polimorfismo erótico que a própria psicanálise ajudou a revelar?

Preciado arremata: “embora tivesse um pai e uma mãe, a ideologia da diferença sexual e da heterossexualidade normativa privou-me deles” (p. 72). Resta saber, em que medida a mesma ideologia tem privado pessoas do direito a um psicanalista que as escute em sua singularidade, sem a pretensão insidiosa de “normalizá-las”.

## Filósofos transexuais, escritoras feministas e artistas corajosos

Segundo Alonso (2016):

O plano da cultura entra na construção do gênero oferecendo códigos de tradução que permitirão à criança traduzir as mensagens enigmáticas. Entre os códigos de tradução, Laplanche irá incluir os roteiros mito-simbólicos que servem para ligar e ao mesmo tempo recalcar o Sexual. Para o autor, o capital mito-simbólico tem um lugar importante, ainda que ele próprio advirta sobre a cegueira em que podemos nos envolver se não nos interrogarmos sobre quais as formações que, no ocidente dos dias atuais, exercem a função mito-simbólica. Cegueira à qual, segundo o autor, a psicanálise nos teria condenado ao tentar impor como único mito contemporâneo versões nascidas da concepção falocêntrica freudiana e lacaniana. (pp. 87-88)

O ponto de vista de Laplanche introduzido por Alonso (2016) nos convoca a pensar quais manifestações da cultura atual têm transformado nosso capital mito-simbólico e ampliado as possibilidades de expressão do Sexual na vida adulta.

Chnaiderman (2019), em análise sobre o documentário *Bixa travesty* (Goifman, Mab e Priscilla, 2018), sobre a cantora transexual negra Linn da Quebrada, utiliza a noção de Sexual, segundo Laplanche, como fonte para compreensão da diversidade sexual. Ao descrever a relação de amizade entre Linn e Jup, apresentada no filme, afirma:

A relação de Linn com Jup acontece sempre ludicamente, dançarinamente. Jup é uma trans, gorda e desajeitada. As duas falam do esforço para não serem apenas engraçadas. [...] Em Linn e Jup, nos seus jogos, no humor, nas coreografias, o que vemos é uma sexualidade regida pelo Sexual, termo que Laplanche (2015) conceitua como sendo aquilo que, para Freud, é anterior “à diferença dos sexos, para não dizer à diferença de gêneros”. (p. 261)

Aqui é possível encontrar três exemplos de ações com potencial de transformação do capital mito-simbólico, capazes de oferecer novos códigos de tradução do Sexual<sup>4</sup>.

Primeiro, a análise psicanalítica em si, de Chnaiderman (2019), que desvia da patologização para ampliar a compreensão da transexualidade e do gênero. Segundo ela, “reduzir a sexualidade trans ao pré-genital seria patologizar uma escolha que não obedece à anatomia. Seria fazer o que o DSM fez e faz, ou seja, considerar o transexualismo como doença a ser curada” (p. 261).

Segundo, o filme *Bixa travesty* (Goifman, Mab e Priscilla, 2018), enquanto produção cultural que desfaz estereótipos e preconceitos ao dar voz às pessoas trans e negras, cria possibilidades de novas compreensões da subjetividade humana. Neste sentido, várias outras produções cinematográficas e televisivas têm sido fundamentais, como, por exemplo, *De gravata e unha vermelha* (Pinheiro e Chnaiderman, 2015), *Laerte-se* (Côrte, Vianna, Barbosa e Brum, 2017), *Liberdade de gênero* (Jardim, 2016), etc.

Por último, a própria potência do trabalho de performance e composição de Linn da Quebrada e de inúmeros outros artistas LGBTQIA+, rompendo por meio da arte as fronteiras pré-estabelecidas do gênero binário e o silenciamento compulsório de suas experiências eróticas e dos processos de simbolização de suas vivências corporais singulares, enriquecendo gradualmente o capital mito-simbólico da atualidade.

A importância desta presença no espaço público – aumentando as possibilidades simbólicas para conflitos internos silenciados pelo *socius*, conforme Laplanche, e revelando a violência social dos preconceitos – pode ser percebido em inúmeras composições e expressões de artistas LGBTQIA+, como as que seguem:

*Ela acreditava em cores, no cheiro das flores  
e que curativo também curasse dores  
Vestiam ela de menino o tempo inteiro,  
ela queria ser a donzela e não o guerreiro.*

4. Sobre esse capital mito-simbólico, Alonso (2016) retoma Laplanche em *Problemáticas 2: Castração. Simbolizações* (1980) e *Entre sedução e inspiração. O homem* (1999):

“Laplanche levanta algumas interrogações: quanto dessa lógica (fálica) sobra no masculino-feminino? Quanto dela se mantém ao longo da vida? Estamos acostumados a pensar a sexualidade em uma lógica binária masculino-feminino, mas não necessariamente teria que ser assim, colocando-se uma nova interrogação: ‘a universalidade do Complexo de Castração na sua oposição lógica fálico-castrado é incontornável? [...] não existem modelos de simbolização mais flexíveis, mais múltiplos, mais ambivalentes?’ No livro *Castração. Simbolizações*, Laplanche estabelece uma oposição entre o simbólico pensado como mito único e as simbolizações plurais. Essa temática é retomada em 1997, no trabalho sobre os mitos, em que o autor irá afirmar: Apesar da irresistível conquista do mundo pelo binarismo, é bom lembrar que este auge é contingente se comparado a tantas civilizações nas quais os mitos fundadores não são binários e sim plurais, aceitando a ambivalência no lugar de apostar tudo na diferença.” E, “enquanto Freud, e Lacan depois dele, erigem o complexo de castração em um Universal da psicanálise - talvez mais universal ainda que o Édipo - o trabalho dos etnólogos não cessou de mostrar que os mitos e rituais de corte, de cerceamento ou de circuncisão possuem um significado muito menos unívoco que essa lógica fálico-binária na qual a versão moderna quis se acantonar, seja psicanalítica ou pós-psicanalítica. Com Roheim, Bettelheim, e também com Groddeck, o que se perfila é a via de simbolizações menos fixas, eventualmente ambivalentes e até contraditórias” (pp. 88-89).

*Vish, que criança estranha!  
O que tem entre as pernas é minhoca ou aranha?  
Mas ninguém ouvia ou via  
o tanto que essa mina sofria*

*Ela crescia,  
crescia  
Mas não entendia,  
não entendia*

*Porque fizeram dela  
Uma fera  
Preto favelado  
Traveco alá gazela*

*Mas não ta tudo acabado havia esperança  
Ela sabia de um lugar que vendia mudança  
E com muita prece e joelhos ao chão  
passou noites acordada só na oração.  
(Guél, 2017, 55s-1m35s)*

*De noite pelas calçadas  
andando de esquina em esquina  
não é homem nem mulher  
é uma trava feminina.  
Parou entre uns edifícios,  
mostrou todos os seus orifícios.  
Ela é diva da sarjeta,  
seu corpo é uma ocupação.*

*É favela, garagem, esgoto,  
e pro seu desgosto  
tá sempre em desconstrução.*

*Nas ruas, pelas surdinas  
é onde faz o seu salário,  
aluga o corpo a pobre,  
rico, endividado, milionário.*

*Não tem Deus,  
nem pátria amada,  
nem marido,  
nem patrão.  
O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário.*

*Ela é tão singular  
só se contenta com plurais.  
Ela não quer pau,  
ela quer paz.*

*Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho.  
Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho.  
Mulher  
(Linn da Quebrada, 2017, 9s-1m53s)*

Outro importante motor das transformações dos códigos de tradução do gênero é a vultuosa produção teórica dos estudos de gênero, incluindo o feminismo em suas diferentes vertentes e a teoria *queer*, uma profunda revisão de conceitos difundidos e cristalizados na academia e na psicanálise, incluindo a própria epistemologia da diferença sexual.

Preciado (2018) considera a introdução do conceito de gênero como marco da primeira *autorreflexão* ocorrida no interior desta epistemologia:

É o começo do fim, a explosão do sexo-natureza [...] Com a noção de gênero, o discurso médico deixa à mostra suas formações arbitrárias e seu caráter construtivista, ao mesmo tempo abrindo caminho para novas formas de resistência e ação política. Quando falo de uma ruptura introduzida pela noção de gênero, não pretendo designar a passagem de um paradigma político a outro extremamente diferente nem uma ruptura epistemológica que provocaria uma forma de descontinuidade radical. Na verdade, me refiro a uma superposição de camadas por meio da qual diferentes técnicas de produção e gestão da vida são interligadas e sobrepostas. (pp. 123-124)

Tais reflexões são o início de uma construção teórica que se desdobrará na proposição da existência de um novo tipo de controle da sexualidade no século XX: o regime farmacopornográfico. Esta hipótese será desenvolvida pelo filósofo no livro *Testo junkie* (Preciado, 2018). A partir da retomada da história da sexualidade, por meio de Michael Foucault e Thomas Laqueur, Preciado propõe novos dispositivos da sexualidade, atravessados pela tecnologia, com enorme ampliação da possibilidade de transformação protética (próteses penianas, mamas, dildos, etc.), cirúrgica e hormonal dos corpos.

A consequência mais radical desta produção teórica é a desconstrução de qualquer hipótese “naturalizante” nos domínios da expressão erótica. Em um diálogo com Judith Butler, Teresa De Lauretis e Donna Haraway, Preciado leva suas proposições ao extremo, no sentido da desnaturalização do sexo e gênero.

## Azul e rosa, paleta restrita – voltando ao “chá de revelação” do sexo dos bebês

Após o caminho percorrido, retomar o vídeo do “chá de revelação” do sexo do futuro bebê evidencia como o azul e o rosa da decoração e dos doces reservam uma profunda e empobrecedora restrição às possibilidades eróticas do ser humano. Elucida também a impossibilidade de compreendermos os sentidos submersos no uivo do pai que comemora o sexo masculino do filho como um gol. Ou ainda na alegria lacrimosa do avô e no estupro quase catatônico da mãe.

Do ponto de vista da psicanálise, os sentidos destas escolhas, gestos e afetos guardariam as marcas do inconsciente de cada um dos participantes, numa teia complexa, que marcará o inconsciente da criança antes mesmo do nascimento. E que, provavelmente, produzirá uma “cor psíquica” ou uma “cor erótica” única e singular para este sujeito que se constitui.

Jenna Karvunidis, a americana a quem é conferida a invenção dos “chás de revelação”, disse em entrevista recente que se arrepende e sente culpa pelos rumos que a brincadeira tomou. “Acredita que esse ritual atribui uma importância excessiva ao sexo biológico de uma criança. Há uma visão por trás do chá de revelação que reforça uma dicotomia perigosa entre masculino e feminino” (Barifouse, 5 de dezembro de 2019, par. 5).

Segundo ela, curiosamente, sua filha “revelada” no chá de 2008, “é uma menina que usa ternos e não segue os estereótipos associados às meninas” (par. 29).

Ela não é transgênero, se identifica como menina. Apenas se expressa de uma forma que não é tradicional. Já raspou o cabelo, agora está deixando crescer. É uma criança que faz coisas de criança. Não cabe colocar um rótulo nisso. [...] É ela que fala para a gente que não há coisas de meninos ou de meninas e que existe uma série de gêneros e sexualidades. Não tinha pensado nisso antes. Nós ouvimos e assimilamos isso. Seria legal se mais pais fizessem isso. (par. 31)

O repertório mito-simbólico da humanidade parece se refazer a cada minuto. Cabe à psicanálise atentar-se a ele.

## Resumo

A partir de um breve relato sobre um evento contemporâneo, o “chá de revelação do sexo dos bebês”, o autor discute os processos de designação de gênero e as recentes transformações do capital mito-simbólico da sociedade. A partir de autores como J. Laplanche, C. Dejours, S. Alonso e P. B. Preciado discute as possibilidades de expressão do Sexual na vida adulta e suas repercussões na cultura.

**Palavra-chave:** *Gênero. Candidatas a palavras-chave:* *Teoria queer, Designação de gênero, Capital mito-simbólico, “Chá de revelação dos sexos”.*

## Abstract

Starting from a brief account of a contemporary event, the “gender reveal tea party”, the author discusses the processes of gender assignment and the recent transformations of the myth-symbolic capital of society. From authors such as J. Laplanche, C. Dejours, S. Alonso and P. B. Preciado, the author discusses the possibilities of expression of the Sexual in the adult life, and its repercussions in the culture.

**Keyword:** *Gender. Candidates to keywords:* *Queer theory, Gender assignment, Myth-symbolic capital, “gender reveal tea party”.*

## REFERÊNCIAS

- Alonso, S. L. (2016). O conceito de gênero retrabalhado na teoria da sedução generalizada. *Percursos*, 56-57, 81-90.
- Barifouse, R. (5 de dezembro de 2019). Por que “a criadora do chá de revelação” se arrepende de ter ajudado a lançar essa moda. *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50663535>
- Chnaiderman, M. (2019). Anatomia e destino: O mundo de pernas pro ar... e não só pernas: Uma reflexão a partir do filme *Bixa travesty*. *Ide*, 41(67-68), 257-271.
- Côrte, A., Vianna, C. (produtoras), Barbosa, L. (diretora) e Brum, E. (codiretora) (2017). *Laerte-se* [produção cinematográfica]. Brasil: True Lab.
- Cossi, R. K. (2018). Stoller e a psicanálise: Da identidade de gênero ao semblante lacaniano. *Estudos de Psicanálise*, 49, 31-43. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372018000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100003&lng=pt&nrm=iso)
- Dejours, C. (6 de setembro de 2006). Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos: Introducción al artículo de Jean Laplanche. *Alter*, 2. Disponível em: <https://revistaalter.com/revista/por-una-teoria-psicoanalitica-de-la-diferencia-de-sexos-introduccion-al-articulo-de-jean-laplanche/934/>
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 16, pp. 283-299). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2015). Sobre as teorias sexuais infantis. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 8, pp. 390-411). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Goifman, K., Mab, E. (produtores), Priscilla, C. e Goifman, K. (diretores) (2018). *Bixa travesty* [produção cinematográfica]. Brasil: Válvula Produções, Paleotv, Canal Brasil e Dot Cine.
- Guél, A. (2017). Deus é travesti [canção]. Em *Alice no país que mais mata travestis*. Gabriel Poveda. Disponível em: <https://aliceguel.bandcamp.com/album/alice-no-pa-s-que-mais-mata-travestis>
- Jardim, J. (produtor e diretor) (2016). *Liberdade de gênero* [série documental]. Brasil: Fogo Azul Filmes e Copacabana Filmes e Produções.
- Kessler, S. J. (2002). *Lessons from the intersexed*. Nova Jersey: Rutgers University Press. (Trabalho original publicado em 1998).
- Laplanche, J. (2015). O gênero, o sexo e o Sexual. Em J. Laplanche, *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006* (pp. 154-189). Porto Alegre: Dublinense. (Trabalho original publicado em 2003).
- Leite, R. L. (8 de agosto de 2020). *Preciado, Laplanche, Freud: Rearticulações da psicanálise no século XXI. Desobstruindo a escuta psicanalítica do Sexual*. Trabalho apresentado em Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo. Linn da Quebrada (1 de novembro de 2016). *Mulher* [arquivo de vídeo]. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=J2L6QUiGeGo&ab\\_channel=LinnndaQuebrada](https://www.youtube.com/watch?v=J2L6QUiGeGo&ab_channel=LinnndaQuebrada)
- Person, E. S. e Ovesey, L. (1983). Psychoanalytic theories of gender identity. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 11(2), 203-226.
- Pinheiro, R. (produtor) e Chnaiderman, M. (diretora) (2015). *De gravata e unha vermelha* [produção cinematográfica]. Brasil: Imovision e Sequência 1.
- Preciado, P. B. (2014). A industrialização dos sexos ou *money makes sex*. Em P. B. Preciado, *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual* (pp. 123-146). São Paulo: N-1. (Trabalho original publicado em 2004).
- Preciado, P. B. (2014). *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1. (Trabalho original publicado em 2004).
- Preciado, P. B. (2018). *Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1.
- Preciado, P. B. (2020). *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar.